

DANILO RIBEIRO e MARIANA VOIGT MASCARENHAS

na Artur Fidalgo Galeria, RJ, a partir do dia 9

Paisagens cariocas e atributos urbanos em enquadramentos fragmentados exibem a reflexão pictórica e a sedução por elementos do cotidiano de Danilo Ribeiro; colagens em linguagem singular que têm a representação de uma cabeça geométrica como uma das figuras centrais, constituem o imaginário original de Mariana Mascarenhas

Por Vanda Klabin | Curadora

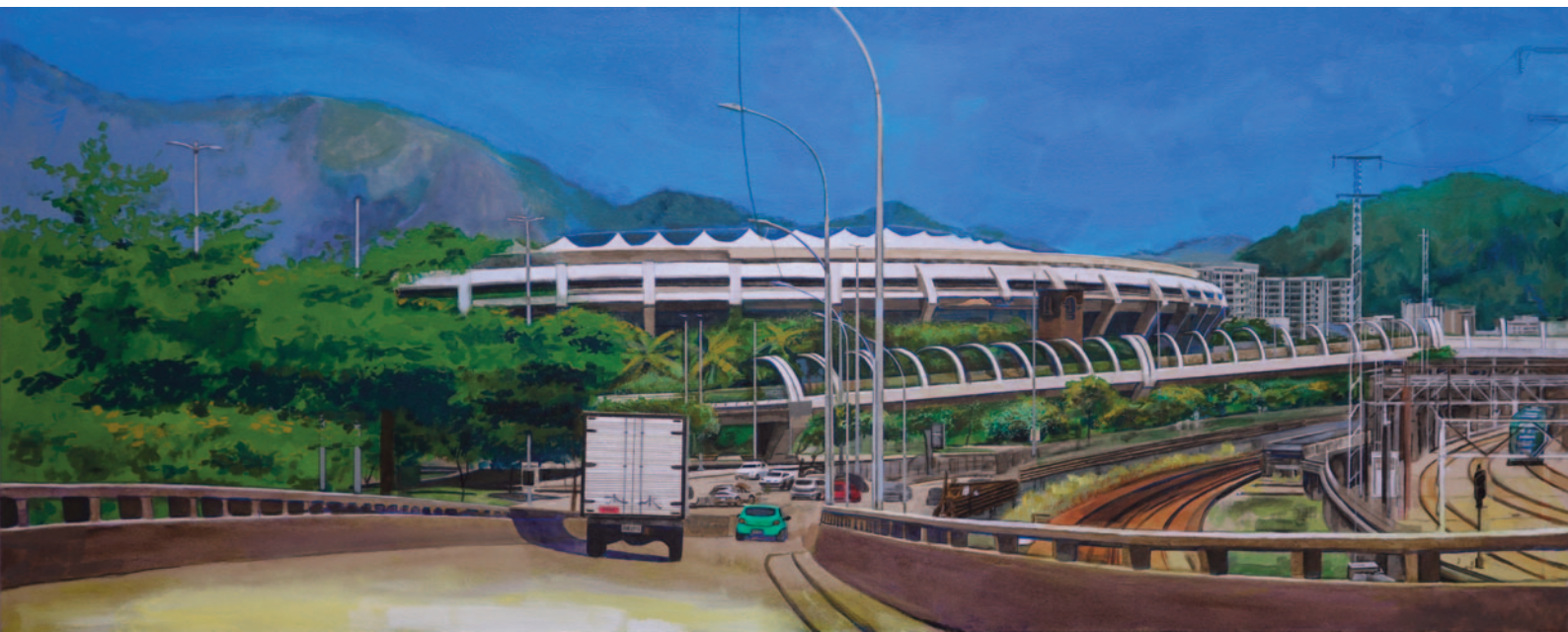
DANILO RIBEIRO – IDÍLIO TROPICAL

A paisagem e os atributos urbanos foram incorporados às práticas artísticas de Danilo Ribeiro como uma releitura visual do que se entende como banal no espaço de uma cidade, como uma espécie de fragmentos visuais de representação de uma realidade vivida. Se-

duzido pelos acontecimentos do cotidiano, o artista focaliza uma aderência às circunstâncias da cidade do Rio de Janeiro, suas contradições, suas múltiplas e diversificadas atividades, como se estivesse cartografando um espaço já conhecido e reconhecido. Lugares de memória,

Danilo Ribeiro, *Maracanã*, 2023

Foto: Divulgação



marcos históricos e antropológicos tornam-se protagonistas dessa cenografia, como um dispositivo plástico para o entendimento da dinâmica do mundo contemporâneo. Danilo traz um outro continente para esse mundo opaco, silencioso, sem estridências, anônimo, despovoado, como se fosse uma estética em repouso. As imagens emergem diante dos nossos olhos, criando um elo coletivo, mescla o que está ali e que foi capturado como se indagasse o seu sentido e a sua direção, alinhando as imagens em um outro possível cenário.

A nova série intitulada *Viagem pitoresca ao Rio de Janeiro contemporâneo*, iniciada em 2011, testemunha o seu sentido de captura e reflexão pictórica. Os relatos das expedições científicas e dos viajantes naturalistas, sobretudo Thomas Ender, tiveram forte influência no processamento visual das paisagens cariocas vivenciadas pelo artista. Ver com os próprios olhos tornou-se imperioso, assim como a observação cuidadosa das perspectivas e planos que abastecem seu repertório imagético. Utiliza cores vivazes, acentos cromáticos, céus crepusculares, tons amarelados saturados, enquadramentos fragmentados sem maior preocupação atmosférica, tudo colocado no mesmo plano e que dinamizam as superfícies compositivas como se pintasse diretamente no espaço urbano.

A pontuação da paisagem nos coloca em diferentes situações reflexivas ao manipular uma iconografia na qual o banal e o cotidiano se evidenciam e adquirem uma intensidade plástica. Danilo cria uma narrativa de algo estranho combinado com o familiar, parece evocar um mundo paralelo, espirala o tempo e parece colocar em dúvida os limites entre o real e o ficcional.



Danilo Ribeiro, *Lapa (dia)*, 2023

Foto: Divulgação

O antropólogo Claude Lévi-Strauss comenta em seu livro *Tristes trópicos* que toda paisagem se apresenta, de início, como uma imensa desordem que nos deixa livres para escolhermos o sentido que preferimos atribuir. Ao reorganizar o que sabemos e imaginamos sobre o mundo e acerca de nós mesmos em locais que pavimentam as nossas emoções, Danilo nos direciona para uma perturbadora espacialidade, carregada de um caráter enigmático, cria um jogo composicional como se ali tivesse guardado algo a ser desvelado para traduzir o contrafluxo de vidas ali vividas. A polissemia das áreas urbanas cariocas tem um sentido realista como maneiras de apreensão do mundo que tem a sua própria história e um modo de ver as múltiplas formas de vida que ali coexistem, nesse sistema de representação pictórica, um território duplicado. Um verdadeiro idílio tropical.

SERVIÇO

Idílio Tropical – Danilo Ribeiro

Inauguração: 9 de abril, terça-feira, das 19h às 22h

Exposição: até 30 de abril

Artur Fidalgo Galeria

Rua Siqueira Campos 143, 2º piso, Loja 1, Copacabana,
Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 13h e 14h às 19h

www.arturfidalgo.com.br

MARIANA VOIGT MASCARENHAS: TERRITÓRIO LIVRE



Mariana Mascarenhas, *Cabeça-cacos*, 2023



Foto: Divulgação

Na sua prática experimental, Mariana explorou diversas técnicas em desenho, pintura e aquarela, além de materiais como tecidos, objetos e artefatos, evidenciando o compromisso do artista com a experimentação e a liberdade. Sua trajetória artística se desenvolveu durante os seus estudos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage — EAV, sendo aluna do artista plástico João Magalhães.

No seu comprometimento com a pintura como experiência, linguagem, conhecimento e memória, a artista trilha seus caminhos poéticos e passa a utilizar colagens e justaposições de papéis coloridos, recortados como uma metáfora lúdica, para ativar o seu campo das ideias, com ressonâncias ao vocabulário plástico do artista Jean Arp. Na sua gramática visual, a compreensão da estrutura planar do cubismo traz o sur-

gimento da construção da figura de uma cabeça como um dispositivo dinâmico e recorrente, que foi também elemento muito utilizado nas esquematizações geométricas por Milton da Costa, no final da década de 1940.

As colagens de Mariana provocam uma pulsação na organização do plano e têm a representação de uma cabeça geométrica como uma das figuras centrais, convertida em elemento de uma linguagem simbólica particular, em torno da qual são adicionados alguns componentes, incluindo formas vegetais, que revelam um aprimoramento do processo generativo das imagens, ao utilizar ideogramas, pigmentos diversos, grafismos e objetos banais capturados do cotidiano para as suas obras, constituindo um imaginário original.

Mariana Mascarenhas,
da esquerda para a direita:
Natureza morta 1, *Natureza morta 2*, 2023
Foto: Divulgação

São territórios livres permanentemente atravessados por ocorrências carregadas de técnica e riqueza plástica. Os variados elementos das colagens têm origem em diferentes matrizes que se entrelaçam em novas possibilidades, seja em contrastes ofuscantes ou um campo infinito de variações cromáticas. Esses elementos conectivos trazem uma integração dessas equações visuais, colocando todos os elementos em sintonia. Ao mesmo tempo, esses núcleos revelam um humor lúdico e um caráter ambivalente oriundo da arte pop, em que reside sua potência estética. Mariana quer tornar visível esses temas aparentemente banais, quer recuperar para a visualidade um objeto que perdeu sua força de imagem na heterogeneidade da vida cotidiana.

A natureza-morta era um gênero pictórico considerado meras representações de objetos inanimados e imóveis (*stillleven*), uma reprodução minuciosa de objetos cotidianos como acessórios decorativos. A palavra foi utilizada pela primeira vez na Holanda, em meados do século XVII, para nomear as suas variantes: quadro com frutas (*fruytagie*); banquete (*bancket*); pequeno almoço (*ontbijt*). Os Países Baixos foram a região da Europa onde se introduziu, com êxito, as obras de arte que testemunham a prosperidade burguesa da economia capitalista, através da pintura de flores e dos alimentos como tributos da terra. Os elementos da natureza-morta foram aos poucos percebidos pelos pintores como um meio particularmente adequado para expressar qualidades estéticas, e aparecem agora como uma posição iconográfica importante.



Nas obras de Mariana Mascarenhas estão claramente presentes um caráter híbrido, que evoca a deterioração da imagem inicial, uma fusão intrigante pela contradição entre a pintura e a desconstrução do real, sem identidade ou lógica entre as partes. Passa a utilizar também, no seu corpo de trabalho, além da linguagem pictórica, outras experimentações de madeira maciça e tridimensionais; o recorte da cabeça serve como o elemento constitutivo, um exercício permanente de meditação, talhado como um *modus* estético de novas possibilidades de representação.

Mariana Mascarenhas estabelece novos acontecimentos plásticos, reconfigurando um tecido estético irregular sobre a estrutura do suporte original. São equações plásticas que se equilibram no seu misterioso poder de convicção e de diálogo, através de uma arquitetura mínima e espessuras de cores, densas ou porosas, que revelam grande disciplina — algo predominante em suas obras.

SERVIÇO

Mariana Voigt Marcarenhas – Cabeças & etc...

Inauguração: 9 de abril, terça-feira, das 19h às 22h

Exposição: até 30 de abril

Artur Fidalgo Galeria

Rua Siqueira Campos 143, 2º piso, Loja 1, Copacabana,
Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 13h e 14h às 19h

www.arturfidalgo.com.br